
O DESENVOLVIMENTO MORAL DE MRS. DALLOWAY À LUZ DA TEORIA DE CAROL GILLIGAN

Isa Rocha Bonfim¹

Janine Marinho Dagnoni²

Resumo

Mrs. Dalloway é uma das obras mais conhecidas da escritora britânica Virginia Woolf. O livro foi escrito em 1920 e publicado em 1925, tendo como personagem principal Clarissa *Dalloway*, uma mulher conhecida por oferecer festas, para a elite da sociedade de Londres, do séc. XX. O presente estudo pretende discutir sobre o desenvolvimento moral da personagem *Mrs. Dalloway*, à luz da teoria de Carol Gilligan (1982), no livro *Uma Voz Diferente*. Nesta obra, a autora afirma que existe um conflito entre o eu e o outro, a partir do qual é constituído o problema moral decisivo para as mulheres, que suscita um dilema, cuja solução exige a conciliação entre feminilidade e idade adulta. No processo de construção do trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas, baseadas em autores (as) que auxiliaram com a análise literária da obra, que teve foco na personagem principal Clarissa *Dalloway*. Dentre esses (as) autores (as), encontra-se Oliveira (1979), analisando a obra tecnicamente e pontuando os conteúdos mais relevantes dela. Ademais, cita-se Woolf (1929), retratando a mulher na ficção, no século XX. O resultado da pesquisa enfatiza o conflito interno vivenciado pela personagem principal, que foi causado por influências sociais e a fizeram questionar sua existência.

Palavras Chave: *Mrs. Dalloway*. Desenvolvimento Moral. Mulher no século XX.

¹ Graduada em licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus X (2018). Mestranda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no programa de pós-graduação em Letras (PPGL).

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002), mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e Doutorado em Psicologia pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (2013). Professora Adjunta na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X, Teixeira de Freitas-BA.

Abstract

Mrs. Dalloway is one of the best known works of the British writer Virginia Woolf. The book was written in 1920 and published in 1925, narrating Clarissa Dalloway's story, a woman known for providing parties to the London society elite of the 20th century. The present study intends to discuss the construction of the autonomy of the character Mrs. Dalloway by the perspective of Gilligan's theory in the book *A Different Voice*, published in 1982. In this theory, the author affirms that there is a self other conflict, where the decisive moral problem is constituted for women, which raises a dilemma for which solution requires the reconciliation between femininity and adulthood. In the process of this work construction, bibliographical researches contemplating related contents to the main theme were based on authors that help the work literary analysis focusing on the main character Clarissa Dalloway. Among them there is Oliveira (1979), who analyzes technically, punctuating the most important contents of them. In addition, Woolf (1929) is quoted, since she portrays the woman in the fiction in 20th century. The research result emphasized the internal conflict experienced by the main character, which was caused by social influences and made she question her existence.

Keywords: Mrs. Dalloway. Moral development. Woman in the 20th century.

Introdução

Mrs. Dalloway é uma obra atemporal, escrita em uma época dominada pela era Vitoriana, em que as tradições da sociedade britânica eram vigentes. A obra apresenta a realidade de um período marcado pela guerra, discussão acerca dos problemas mentais e as marcas do patriarcado no contexto social da mulher. A história acontece situada na cidade de Londres, na Inglaterra, sendo uma das obras mais conhecidas da escritora britânica Virginia Woolf. O livro foi escrito em 1920 e publicado em 1925. A história acontece em apenas um dia, abordando acontecimentos comuns do cotidiano londrino. A narrativa enfoca a vida

de Clarissa Dalloway, a personagem principal da história, casada com Richard Dalloway, mãe de Elizabeth Dalloway e conhecida por promover festas impecáveis para a elite da sociedade londrina do século XX.

Organizar festas fazia de Clarissa uma perfeita anfitriã, esposa de um funcionário do governo, mas, que não se interessava por política ou qualquer coisa fora de seu bairro de *Westminster*. A autora estabelece, ainda, relações dela com outras personagens tão importantes, como Septimus Warren Smith, que é um ex-soldado da Primeira Guerra Mundial, que sofre distúrbios psicológicos, potencializados pelo trauma pós-guerra, tem constantemente ideações e tentativas de suicídio. Woolf (1929) apresenta dilemas em comum entre as personagens, embora eles não se conheçam na história.

O narrador de Woolf narra os fatos da história enquanto mergulha no universo interior das personagens, mostrando seus pensamentos e sentimentos. Basicamente, é uma mistura de narrador onisciente, externo e interno. O leitor sabe o que as personagens estão pensando, mesmo a história sendo narrada em terceira pessoa. Virginia Woolf é uma das autoras que utilizou o discurso indireto livre, método revolucionário, que possibilita a fala do narrador e personagem.

Em *Mrs. Dalloway*, as personagens têm memórias e pensamentos que são essenciais para entender o interior de cada um deles. Para Humphrey (2010), essas “memórias” e “pensamentos” acessíveis ao leitor, são reconhecidos pela literatura como fluxo de consciência, um “sistema para a apresentação de aspectos psicológicos do personagem da ficção” (p.1-2). Esses *flashbacks* possibilitam que Clarissa relembre acontecimentos vividos em sua juventude. Gelinski (2010) acrescenta que,

De maneira simplificada, o fluxo de consciência pode ser explicado a partir da nossa vida diária. É o que nós sempre fazemos quando remetemos um acontecimento ocorrido anteriormente ou posteriormente a

outro. Tais momentos articulam-se num movimento contínuo de duração interior que relaciona ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro. É a liberdade do nosso Eu, nossos pensamentos e nossas vivências, que nos conduzem para momentos de fluxo. (GELINSKI, 2010, p. 123).

Como Gelinski (2010) ressalta, esse fluxo de consciência proporciona ao leitor se aprofundar na compreensão das personagens, mesmo que na história estejam acontecendo coisas simples de um dia comum.

O interesse em abordar o perfil de Clarissa Dalloway surgiu por ela ser uma personagem enigmática, pois, embora aparentasse ser uma mulher realizada, através de seus pensamentos é possível identificar o quanto ela se sentia vazia. Esses aspectos, em Clarissa, despertam o interesse e a empatia do leitor pela personagem, que demonstrava, através de seus pensamentos, uma ausência de liberdade no que diz respeito às suas escolhas. A presente pesquisa objetiva, portanto, discutir sobre o desenvolvimento moral da personagem Mrs. Dalloway, à luz da teoria de Carol Gilligan (1982), apresentada no livro *Uma Voz Diferente*.

2. A Força da Luta Feminina em uma Sociedade Patriarcal

Historicamente, o século XX foi marcado por lutas pelos direitos das mulheres, qualidade de vida e condições melhores de trabalho. Nessa época, surge um despertar em relação ao papel social feminino, houve uma preocupação com o que estava sendo privado às mulheres, quais eram seus direitos e deveres.

Após a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial, que ocasionaram grandes mudanças econômicas, a sociedade do século XX iniciou perspectivas diferentes, que favoreceram novas diretrizes mundiais. Essas mudanças atingiram de forma revolucionária a vivência social e cultural da mulher. Cavalcanti (2005) cita Emma Goldman, ativista da primeira metade do século XX, que

ficou conhecida por sua luta política em favor dos direitos das mulheres. Goldman criticava o tradicionalismo, defendia o direito ao voto e à liberdade das mulheres e defendia que:

Precisamos desembaraçar-nos das velhas tradições, dos hábitos ultrapassados, para então ir em frente. O movimento feminista deu apenas o primeiro passo nessa direção. É necessário que se fortaleça para dar o segundo passo. O direito de voto e a igualdade civil podem ser reivindicações justas, mas a emancipação real não começa nem nas urnas nem nos tribunais. Começa na alma de cada mulher. A história nos ensina que em todas as épocas foi por seu próprio esforço que os oprimidos se libertaram de seus senhores. É preciso que a mulher aprenda essa lição: que a sua liberdade se estenderá até onde alcance seu poder de libertar-se a si mesma. (GOLDMAN, 1921 apud CAVALCANTI, 2005, p. 250).

É perceptível a ênfase dada por Cavalcanti (2005) a uma luta que as mulheres iriam ter que enfrentar para conseguir melhores benefícios e direitos. Quando ela fala da necessidade de libertar-se, entende-se que há uma batalha para a mulher enxergar como a sociedade daquele tempo limitava suas opções de escolha. O movimento feminista estava surgindo e se fortalecendo, as mulheres lutavam para ter seus direitos garantidos, sua voz ouvida, em uma sociedade patriarcal. No entanto, Scott (2019), em seu ensaio sobre gênero de análise histórica, aborda que os estudos teóricos sobre gênero só surgiram no final do século XX:

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas dessas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda preocuparam-se com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos, não tinha aparecido. (SCOTT, Joan, 2019, p.65).

A autora também ressalta em seu estudo, que o termo “gênero”, na perspectiva de análise de sistemas de relações sociais, pertence a uma luta das

feministas contemporâneas, que reivindicavam teorias que dessem conta das desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

Saffioti (2004) define que, o patriarcado contribui para o controle da sexualidade feminina, com o intuito de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido. A autora também salienta que, o conceito de gênero não explicita somente desigualdades entre homens e mulheres, na maioria das vezes, a hierarquia é apenas presumida.

A autora hooks (2013) enfatiza que, a luta pelos direitos básicos das mulheres, de toda forma, pode ser vista como propulsora de uma teoria feminista libertadora. Sendo assim:

Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal, é um terreno tão fértil para produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constitui a base da nossa teorização. Enquanto trabalhamos para resolver as questões mais prementes da nossa vida cotidiana (nossa necessidade de alfabetização, o fim da violência contra mulheres e crianças, a saúde da mulher, seus direitos reprodutivos e a liberdade sexual, para citar algumas), nos engajamos num processo crítico de teorização que nos capacita e fortalece. (hooks, 2013, p.97).

A fala da autora destaca a necessidade de engajamento nessa luta pela conquista dos direitos básicos para as mulheres. Mas também, se mostra comprometida com a teorização em relação às questões propostas, o que possibilitaria o fortalecimento do movimento feminista.

A partir desse contexto, cabe considerar que, na época em que a obra, *corpus* desse estudo, foi escrita, em 1920, de acordo com Teixeira e Magnabosco (2010), o movimento feminista encontrava-se incipiente, sendo marcado pela busca da igualdade de direitos entre os sexos, como foi o caso da luta pelo voto feminino. Ainda, consideram como marco do movimento feminista o questionamento de mulheres a respeito do espaço social - doméstico e privado - a elas reservado, enquanto aos homens, era reservado o espaço público. Ademais, a

abordagem à constituição das subjetividades a partir da identidade de gênero, constituída sócio-historicamente, e as decorrentes disputas de poder inscritas no corpo em decorrência desse processo, emergem nas discussões teóricas do feminismo, a partir da década de 80. No entanto, em *Mrs. Dalloway*, Woolf já apresenta esses dilemas em sua narrativa. Nesse contexto, considera-se a obra de Virgínia Woolf um potente “espaço” de debate, tanto para o campo das teorias feministas, quanto para o debate psicológico.

Na obra *Mrs. Dalloway*, Woolf (2015) critica as tradições de uma sociedade influenciada pela era vitoriana. As mulheres londrinas, da década de 1920, tinham aspectos particulares e as características culturais favoreciam identidades diferenciadas, por ser uma cidade com muitas indústrias, a partir da revolução industrial, desde o século XIX, muitas mulheres trabalhavam como operárias. Mas, em *Mrs. Dalloway*, Clarissa Dalloway tinha uma realidade diferente, vivia voltada à futilidade e à vida de aparências. Vale salientar que, a realidade de Clarissa Dalloway limitava suas escolhas como mulher, era reservado a ela, o espaço doméstico.

Oliveira (2017), em seu estudo sobre a representação feminina, na obra de Virginia Woolf, apresenta uma discussão acerca do desenvolvimento de Clarissa Dalloway, que foi marcado pela masculinidade:

No romance de Virginia Woolf há um enredo central e convencional que é aquele da relação matrimonial da protagonista e um subtexto enxertado no corpo do texto principal, cuja mensagem subliminar tem como intuito subverter os valores da sociedade patriarcal que Woolf critica. O desenvolvimento da personagem principal, centralizado num universo feminino, passa para o mundo social, dominado pela masculinidade. Tal processo retoma um momento histórico mais amplo, que passou da orientação matriarcal para uma orientação predominantemente patriarcal. Ao longo da narrativa, que envolve um enredo romântico e doméstico, jaz um subtexto em que predominam as críticas a uma sociedade patriarcal aparentemente sólida, mas que, a partir de uma simples rachadura na sua estrutura, fica evidente o que está sob suas engrenagens e outra realidade submerge desta estrutura falida, levando-nos a questionar os valores que a edificaram. (OLIVEIRA, 2017, p.251).

Ao ressaltar que, o espaço de Clarissa é limitado à vida doméstica e às futilidades das lojas de Londres, enquanto as personagens homens na história, estão em posição de conquista, batalha e poder, a autora evidencia, assim, a predominância do patriarcado. De acordo com Cunha (2014), o sistema patriarcal se resume em um regime de dominação e subordinação, em que o homem, normalmente pai, é o patriarca que mantém e provém, tendo uma posição principal na família. Nesse caso, o homem representa a autoridade máxima em relação à esposa e aos filhos. A autora também define que,

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p.154).

Essa dominação acontece também em relação a Mrs. Dalloway, já que a personagem principal vive um conflito, ao não optar por uma vida diferente da socialmente apresentada pelos padrões instituídos na sua época. Enquanto seu marido tinha um cargo de poder, a função de Clarissa era ser Mrs. Dalloway, a perfeita anfitriã. Retomando Teixeira e Magnabosco (2010), percebe-se aqui, a provocação de Woolf ao impacto das relações de poder inscritas nos e a partir dos corpos socio-historicamente consituídos.

Em *Um Teto Todo Seu*, Woolf (1929) considerava que já havia refletido muito sobre essas questões e ansiava por respostas. Com isso, ela foi pesquisando e investigando, para o aprofundamento de seus conhecimentos, e seguiu fazendo questionamentos:

Têm vocês alguma noção de quantos livros são escritos sobre as mulheres em um ano? Têm alguma noção de quantos são escritos por homens? Estão cientes de serem, talvez, o animal mais discutido do universo? Para lá eu fora, com um caderno de anotações e um lápis, na intenção de passar a manhã lendo, imaginando que ao final da manhã

teria transferido a verdade para meu caderno de anotações. (WOOLF, 2015, p.34-35).

Os questionamentos de Woolf evidenciavam a busca de compreensão e explicação a respeito da superioridade masculina nas obras literárias, do porquê só homens descreverem e escreverem sobre as mulheres, a partir do olhar masculino. No entanto, essas ocorrências eram um reflexo daquela sociedade. A autora demonstra um discurso, que reafirma o quanto o espaço da mulher naquele tempo era limitado, principalmente em sua própria área, a escrita.

Em um *Teto teto todo seu*, Woolf (2015) indaga a liberdade de escrita em relação às escritoras da época, ao dizer que,

As mulheres não escrevem livros sobre os homens — fato que não pude deixar de acolher com alívio, pois, se tivesse que ler primeiro tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres e, depois, tudo o que as mulheres escreveram sobre os homens, o aloés que floresce uma vez a cada cem anos floresceria duas vezes antes que eu pusesse a pena no papel. (WOOLF, 2015, p. 35).

E se as mulheres escrevessem sobre os homens? Pode-se dizer que apesar do tom de ironia, Woolf destaca que, se as mulheres tivessem o mesmo espaço que os homens na escrita e escrevessem sobre os homens, a visão feminina mostraria homens e mulheres diferentes daqueles retratados na literatura hegemônica masculina, embora estivessem surgindo mulheres, que vinham fortalecendo a luta feminista.

Ainda em *Um Teto Todo Seu*, Virginia Woolf apresenta algumas autoras femininas, como Jane Harrison e Mary Carmichael, e reconhece que houve um avanço na escrita da época. Porém, a autora deixa claro que, mesmo nessas circunstâncias, era apenas um começo. Com muita genialidade, Woolf convida o leitor a enxergar a realidade das mulheres daquela época. A autora ressalta:

Não há nenhuma marca na parede para medir a altura exata das mulheres. Não há metros, criteriosamente divididos nas frações de um centímetro, que se possam dispor sobre as qualidades de uma boa mãe ou

a dedicação de uma filha, a fidelidade de uma irmã ou a capacidade de uma dona de casa. Poucas mulheres, mesmo hoje, diplomaram-se em universidades; as grandes provações das profissões liberais, do exército e da marinha, do comércio, da política e da diplomacia mal chegaram a testá-las. Elas permanecem, até este momento, quase sem classificação. (WOOLF, 2015, p.106).

Nesse trecho, é possível perceber que Virginia retrata, mais uma vez, como a vida feminina na época era limitada ao ambiente doméstico, e não havia espaço para que as mulheres atuassem no exército, marinha, comércio, política, nem mesmo nas universidades. Woolf destaca também que não era valorizado o trabalho de uma dona de casa, espaço restrito às mulheres.

Vale ressaltar que, Londres inspirava Woolf ao escrever seus livros. Em *Mrs. Dalloway*, ela faz menção a lugares importantes da cidade, fazendo com que o leitor viaje, literalmente, através da leitura. Segundo Muniz (2006), o romance *Mrs. Dalloway* traz sons, cheiros e formas da cidade de Londres, que auxiliam na compreensão do contexto da época. De acordo com o autor,

A narração transcorre em doze horas. Neste lugar e neste período de tempo, o pensamento dos personagens flui livremente, ainda que de forma objetiva, parece que fazem e percebem coisas parecidas. A obra procura mostrar constantemente esse mundo interior que há em nós, que, na maioria das vezes, permanece oculto. Todos os detalhes da vida são significativos. Os detalhes da vida real se apresentam como um caos informe. Neste romance, há a temática centrada na condição feminina, entre a qual se destacam a opressão sexual, a construção social da identidade feminina e a característica da mulher escritora. (MUNIZ, 2006, p.3).

Portanto, Woolf registra em seu romance a realidade de Londres naquele tempo, em relação ao local, comportamento social e principalmente aos costumes femininos, que a faziam questionar a razão pela qual eram tão diferentes dos homens, especialmente na literatura, o que conseqüentemente constituía um retrato da realidade. Em 1931, Virginia leu o texto *Profissões Para mulheres*, para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, que aborda a dificuldade das

mulheres da época quanto à atuação profissional e ao mundo intelectual, a partir do questionamento de seu lugar:

Sou mulher, é verdade; tenho emprego, é verdade; mas que experiências profissionais tive eu? Difícil dizer. Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. (WOOLF, 1931, p.9).

Pode-se dizer que Virginia problematiza a falta de espaço e oportunidade para as mulheres daquele tempo construírem suas próprias experiências. Woolf (1931) salienta que: “escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar”. Virginia também define a mulher tradicional daquela época como *Anjo do Lar*, do poema de *Coventry Patmore*. O poema que venerava o casamento e idealizava o papel doméstico das mulheres. De acordo com Woolf (1931), ser “Anjo do Lar” era a sombra que havia em todas as mulheres. No texto, Virginia relata que quando iniciou a escrita de suas primeiras resenhas como jornalista, esse “Anjo do Lar” a incomodava ao ponto de matá-lo. Diante disso, é perceptível a indignação de Virginia Woolf quanto à realidade das mulheres daquela época. O que nos leva a questionar, o impacto de toda essa vivência na constituição daquelas mulheres enquanto sujeitos, a partir da perspectiva compreensiva de seu processo de desenvolvimento moral. Nesse trabalho, sob a ótica de Gilligan (1982), antecipamos a discussão feminista de construção socio-histórica de identidades de gênero, a partir da obra de Wolf. Analisar uma obra da década de vinte, que de acordo com Teixeira e Magnabosco (2010), compreende a primeira onda dos estudos feministas, a partir de uma teoria da década de 80, onde já se movimentava a segunda onda do movimento, parece uma incoerência, no entanto, considera-se que o estilo literário de Wolf em *Mrs. Dalloway*, com a utilização da mistura de narrador onisciente, externo e interno, cria um material de

análise propício para a compreensão da temática que emerge na segunda onda, na medida em que nos dá acesso ao “universo subjetivo” da personagem.

3. Carol Gilligan e a Construção Moral através de uma Voz Diferente

Carol Gilligan é filósofa, psicóloga, feminista e professora americana, da Universidade de *Harvard*. Gilligan ficou conhecida por seu livro *In a Different Voice*, em português *Uma Voz Diferente*, publicado em 1982. Essa obra deu relevância à autora, ao fazer que os estudos sobre moralidade humana tivessem novo sentido, já que, neste contexto, estava de certa forma “excluída” a voz da mulher na teorização sobre o desenvolvimento moral.

De acordo com a teoria de Gilligan (1982), existem duas formas de compressão moral; a masculina, definida como a voz padrão da moralidade e a feminina, que para a autora seria uma voz diferente de moralidade, visto que as mulheres lidam divergentemente em situações morais. Essa voz diferente não aparecia, até então, nas teorias psicológicas, que falavam do desenvolvimento moral humano. A autora diz que, as pesquisas sobre a moralidade humana desenvolvidas por teóricos homens enfatizaram apenas a perspectiva do comportamento social masculino, o que fez a autora estudar o comportamento moral da mulher. Assim, relata que,

O tema desenvolvimento moral não apenas oferece uma ilustração final do padrão reiterativo na observação e avaliação das diferenças de sexo na bibliografia do desenvolvimento humano como também indica mais especialmente por que a natureza e significação do desenvolvimento das mulheres têm sido por tanto tempo obscurecida e amortalhada em mistério. (GILLIGAN, 1982, p.28).

Um estudo voltado ao comportamento moral feminino traz reflexões sobre a vivência da mulher, ela não é somente um reflexo do homem. Gilligan (1982) tem o propósito de reivindicar o direito da voz feminina ser ouvida. Segundo Gilligan (1982), a percepção da moralidade feminina traz diferenças por

oferecer uma concepção alternativa para a maturidade do eu na perspectiva moral, nela, as mulheres mudam o ponto de vista sobre o ciclo da vida e organizam a experiência humana em termos de diferentes prioridades. Este processo é bem ilustrado em *Mrs. Dalloway*.

3.1 O Desenvolvimento Moral De Clarissa Dalloway

Durante a narrativa, a autora apresenta frustrações de Mrs. Dalloway. A insatisfação de Clarissa é perceptível, tendo como exemplo a insônia:

Cada vez mais estreita era sua cama. A vela tinha queimado até a metade e ela se afundara na leitura das Memórias do barão Marbot. Tinha lido a retirada de Moscou até tarde da noite. Pois as sessões na Câmara eram tão longas que Richard insistia, depois da doença, que devia dormir sem ser incomodada. E realmente ela preferia ler a retirada de Moscou. Ele sabia disso. Assim o quarto era no sótão; a cama estreita; e ali deitada lendo, pois dormia mal, não poderia afastar uma virgindade preservada desde o parto que aderira a ela como um lençol. (WOOLF, 2013, p.28).

O livro não especifica que doença seria essa que Richard menciona, o que faz o leitor imaginar que possivelmente tenha sido causada por seu profundo desânimo. Todavia, Clarissa lutava contra sua tristeza, no entanto, suas festas, apesar de mantê-la ocupada, ainda se mantinha irritada e muito insatisfeita.

Segundo Gilligan (1982), a crise de meia-idade aparece como uma fase de retorno ao que não foi vivido na adolescência. Deste modo,

As implicações dessa transição são evidentes ao considerar a situação das mulheres de meia-idade. Dada a tendência de mapear as águas não-familiares do desenvolvimento adulto com os balizadores da separação e crescimento adolescentes, os anos da meia-idade das vidas das mulheres prontamente aparecem como uma época de retorno ao inacabado negócio da adolescência. (GILLIGAN, 1982, p.182).

A colocação de Gilligan (1982) relata claramente o que é vivido por Clarissa Dalloway na obra. Aquilo que ficou inacabado em sua adolescência, a marcou profundamente. A presença de insatisfação e sentimento de ódio eram

constantes. Oliveira (1979) ressalta que segundo a psicologia contemporânea, o ápice da procura do *self* acontece na meia-idade. Clarissa vive essa crise de meia-idade sozinha, sem compartilhar seus sentimentos com os outros. A autora menciona a preocupação de Clarissa com o olhar dos outros, conflito típico na adolescência, ao afirmar que:

O anseio de auto-integração é então mais premente do que o desejo de incorporar-se no mundo. Tais ideias podem ser levadas em consideração a respeito de Clarissa que, apesar de melhor dotada de intuição do que de capacidade “racional” não se demonstra isenta desta crise. Mulher de meia-idade, ela revolve a aparência e o esconderijo, percebe o mundo disfarçado e ambiguidade da *cave*, íntima, tentar compreender a si mesma como indivíduo enquanto parte da coletividade, joga-se ora contra o passado, e em menor escala, propõe um futuro a si e aos que rodeiam. (OLIVEIRA, 1979, p.80).

De acordo com Gilligan (1982), o desvio do desenvolvimento feminino ocorre na adolescência, quando as meninas parecem fazer confusão entre identidade e intimidade, ao deixar-se definir pelos relacionamentos com outros. Enquanto Mrs. Dalloway se lembrava do seu passado, ela começava a refletir sobre o que teve que renunciar para ser Mrs. Dalloway. Apesar de estar aparentemente feliz com a festa que iria acontecer no fim do dia, ela se sentia distante de sua própria realidade e necessidades. Wolf (2013) descreve que,

Agora ela nãoalaria de ninguém no mundo, não diria que era isso ou aquilo. Sentia-se muito jovem; ao mesmo tempo indizivelmente velha. Penetrava em tudo como uma faca; ao mesmo tempo estava de fora, observando. Tinha uma sensação constante, enquanto olhava os táxis, de estar fora, longe, muito longe no mar e sozinha; sempre tinha a sensação de que era perigoso, perigosíssimo viver mesmo que fosse um único dia. (WOOLF, 2013, p.10).

Apesar desse sentimento de desconexão, Mrs. Dalloway aparentava ser muito feliz e completa, em suas festas. No entanto, a narrativa mostra a personagem como uma mulher comum, com pensamentos confusos, que questiona a possibilidade de ter tido uma vida diferente, se tivesse feito outras escolhas, ao invés de seguir as regras que a sociedade britânica reservava às mulheres, de

submeter-se aos cuidados com o espaço doméstico. Gilligan (1982) define esse processo como auto-sacrifício:

A noção de que a virtude para as mulheres consiste em auto-sacrifício complicou o curso do desenvolvimento das mulheres, assinalando a questão moral da bondade contra as questões adultas de responsabilidade e escolha. Além do mais, a ética do auto-sacrifício acha-se diretamente em conflito com o conceito de direito que, no século passado, amparou a reivindicação de uma parcela equânime de justiça social pleiteada pelas mulheres. (GILLIGAN, 1982, p.143).

Aqui, Guilligan (1982) se refere à luta pela igualdade de direitos, tema central da primeira onda dos movimentos feministas, época em que Mrs. Dalloway foi escrito. Mrs. Dalloway se auto-sacrificou para responder à demanda social de sua época. À medida que ela vai caminhando por Londres, Clarissa quer fugir de sua realidade, lembrando o passado e desejando ter sua vida de volta e ter tido liberdade para escolher diferente. “Oh se ela pudesse ter sua vida de volta! pensou parando na calçada, pudesse ter até outra aparência!” (WOOLF, 2013, p.11).

Os relacionamentos de Clarissa com a filha e com o marido não são descritos como tendo profundidade e conexão. Com a filha estabelecia uma relação amável, mas distante. Elizabeth acaba se afastando da mãe, manipulada por Miss Kilman, sua professora de história, mulher feia, velha e mal vestida, porém sábia e culta. Ela julgava a vida de Clarissa Dalloway como fútil, mas, nutria certa inveja por ela. Essa relação reflete os conflitos entre os lugares ocupados pelas mulheres na época e a coerência dessas escolhas com os padrões sociais vigentes. Clarissa, apesar de não intervir, desaprovava a paixão bizarra de Miss Kilman pela sua filha, Elizabeth. Com perspectivas de vida e crenças diferentes, Mrs. Dalloway e Miss Kilman mantinham uma relação nada amigável.

A relação entre Clarissa e Richard era como de um casamento qualquer. Clarissa se preocupava com Elizabeth, Richard e com as obrigações da casa,

mesmo que sua função se restringisse à supervisionar o lar. Na sociedade patriarcal de Londres, no início do século XX, a mulher só era alguém através do sobrenome do marido. Clarissa cumpre bem o seu papel de Mrs. Dalloway. Mas, em seu interior, ser Mrs. Dalloway sustentava um conflito interno, a alma inquieta de Clarissa.

De acordo com Gilligan (1982), existe um conflito entre o eu e o outro, que se torna um problema moral para as mulheres, cria um dilema entre a conciliação da feminilidade e a idade adulta. Na falta de tal conciliação,

[...] o problema moral não pode ser solucionado. A “mulher boa” disfarça a afirmativa na fuga, negando responsabilidade ao chegar apenas satisfazer necessidades de outros, enquanto a “mulher má” desiste ou escapa de compromentimentos que a amarrem em decepção consigo mesma e traição. É precisamente esse dilema – o conflito entre compaixão e autonomia, entre virtude e poder – que a voz feminina luta por solucionar em seu esforço de recuperar o seu eu e solucionar o problema moral de tal modo que ninguém fique prejudicado (GILLIGAN, 1982, p.82).

Percebe-se que Clarissa vivia esse conflito entre compaixão e autonomia. Tinha compaixão por sua família e seu estilo de vida, no entanto, questionava sua autonomia, a possibilidade de ser uma pessoa diferente do que se esperava de Mrs. Dalloway. Nesses termos propostos por Gilligan (1982), poderíamos dizer que Mrs. Dalloway era boa e Miss Kilman era má? E que, nessa perspectiva dicotômica, entre o bem e o mal, instaurava-se o ponto central de seus conflitos? Poderíamos aqui, questionar também, mais uma vez, a atemporalidade da obra estudada, pois, a discussão de diferentes vozes dentro da “voz feminina”, de acordo com Teixeira e Magnabosco (2010), é tema da terceira onde movimentos feministas e já aparece em *Mrs. Dalloway*.

A festa acontecia perfeitamente bem, todos os convidados importantes estavam presentes, mas, no ápice da festa, ao saber da morte de Septimus, ela refugia-se em si mesma. “Um rapaz (é isso que Sir William está contando a Mr.

Dalloway) tinha se matado. Esteve no exército. Oh! pensou Clarissa, no meio de minha festa aparece a morte, pensou ela.” (WOOLF, 2013, p. 147). Ainda:

Por que os Bradshaw tinham de falar de morte em sua festa? Um rapaz tinha se matado. E falavam disso em sua festa – os Bradshaw falavam de morte. Ele tinha se matado – mas como? Sempre o sentia no corpo, quando lhe falavam inesperadamente de um acidente; o vestido ardia, o corpo queimava. Tinha se atirado de uma janela. O chão se elevava num lampejo; destroçando, contundindo, atravessaram-no os varões enferrujados. Lá jazia ele com um tum, tum, tum, no cérebro, e então um negrume sufocante. Assim via ela. Mas por que ele tinha feito aquilo? E os Bradshaw comentavam o fato em sua festa! (WOOLF, 2013, p. 147- 148).

Clarissa não queria ter ouvido aquele tipo de notícia, qual o motivo de alguém se matar exatamente no dia de sua festa. Aquele fato a fez refletir sobre a morte:

Morte era desafio. A morte era uma tentativa de comunicar, a pessoa sentindo a impossibilidade de alcançar o centro que, misticamente, lhe escapava; a proximidade se desfazia; o arrebatamento se desvanecia; estava se só. Havia um aconchego na morte. (WOOLF, 2013, p.148).

Quando o narrador ressalta que “havia um aconchego na morte”, poderia a morte ser uma alternativa para Mrs. Dalloway, que estava num momento aparentemente feliz? “Mas esse rapaz que tinha se matado – mergulhara abraçando seu tesouro? Se fosse para morrer agora, seria agora o momento mais feliz”, dissera a si mesma uma vez, descendo, de branco.” (WOOLF, 2013, p.148). Era como se a morte de Septimus aprofundasse a angústia que ela havia sentido durante o dia. A morte então, se transforma numa solução para Clarissa naquele momento? Enquanto ela refletia sobre quem havia se tornado, concluiu que nunca conseguiu se sentir realizada.

Clarissa tinha trapaceado contra ela mesma, apesar de todo seu esforço, ela vive um conflito de uma mulher de meia-idade, que sentia o peso de não ser quem desejava. De acordo com Gilligan (1982), quando as mulheres chegam à meia-idade, seu sofrimento diverge dos homens, pois:

as mulheres chegam à meia-ideia não apenas com uma história psicológica diferente da dos homens e enfrentam naquela época uma realidade social diferente com diferentes possibilidades de amor e trabalho, mas fazem também um sentido diferente da experiência, baseadas em seus relacionamentos humanos. Visto que a realidade da conexão é vivenciada pelas mulheres como dada mais do que livremente negociada, elas chegam a uma compreensão da vida que reflete os limites da autonomia e do controle. (GILLIGAN, 1982, p.184).

Quando a autora fala dos limites da autonomia e do controle, pode-se dizer que Clarissa Dalloway, ao fugir de sua festa, sentisse o quanto sua autonomia como mulher naquele tempo não era incentivada. Ela não cogitou efetivamente a opção de ser outra pessoa, além de uma mulher conforme as expectativas da sua realidade. Clarissa Dalloway se identificou com Septimus, que apesar de ter vivido uma realidade completamente diferente, compartilhava o sofrimento. Admirando sua coragem em se matar, pensou na possibilidade de fazer o mesmo.

No entanto, viver de aparências criava um espaço que lhe permitia manter sua sanidade, a partir da sua aceitação social. Assim, entre a morte e aquela vida, enquanto as pessoas do salão de festas estavam esperando por Clarissa, inclusive seus amigos do passado, Sally e Peter, ela decide voltar à festa, a eles, a sua família, a sua realidade e, ao retornar Peter diz:

Estou indo – disse Peter, mas continuou sentado por um instante. O que é este terror? O que é este êxtase? Pensou consigo mesmo. O que é isso que me enche de uma emoção extraordinária? É Clarissa, disse ele. Pois ali estava ela. (WOOLF, 2013, p.156).

A história de um dia termina com o retorno de Clarissa à festa e a emoção de Peter em revê-la. Peter nesse momento, possivelmente represente, segundo Pinho (2015), a maioria dos leitores que torciam para Clarissa não se matar, o leitor sente que Clarissa vai pular da janela, porém ela volta para continuar sua história,

[...] pronta a desistir da linguagem, como Septimus havia feito, Clarissa Dalloway olha pela janela. Ela vai pular, nós sentimos enquanto lemos, ela quer negar o nome do pai, não quer mais ser. Mas ela volta. Ela

precisa reunir, construir. E lá está ela. O romance acaba, mas Clarissa parece continuar. Ela vai criar uma nova forma de vida, dentro da linguagem, pois a linguagem é sua única chance de criar uma imagem para si mesma, ela é a morada do ser. Ela vai falar, e assim subverter o Dalloway que a nomeia – talvez a história que siga seja a de Clarissa, apenas. (PINHO, 2015, p.179).

Não é possível saber o que aconteceu depois que ela volta à festa ou o que, verdadeiramente, a motivou ao retorno. Contudo, existe a possibilidade de que ela tenha voltado na esperança de construir uma nova história, ser apenas Clarissa, como indica Pinho (2015). O autor ressalta também que o retorno de Mrs. Dalloway à festa, foi um retorno a sua existência, que estava lá:

Mrs. Dalloway, que tenta ininterruptamente remontar sua vida durante a tarefa simples de organizar uma festa, quase sucumbe aos poderes da morte ao perceber que tivera apenas tomado parte na ordem das coisas, nos nomes que recebera (esposa/mãe), mas volta à festa por perceber que sua existência, está lá, sua outra perspectiva, poderia significar algumas coisas. Ela volta à linguagem, ao ser. (PINHO, 2015, p.180).

O desfecho da história demonstra que, o desenvolvimento moral de Mrs. Dalloway foi influenciado por padrões sociais de cuidado e ela estava insatisfeita com o rumo que sua vida tomou; porém, o fato dela não se matar pode demonstrar uma força em Clarissa, de não desistir de viver e mesmo diante de uma vida injusta e infeliz, poder ressignificar seu lugar no mundo.

De acordo com Oliveira (1979), integrar-se a si mesmo é considerado mais importante do que incorporar-se ao mundo. No entanto, sendo Clarissa uma mulher de meia-idade, na Londres do século XX, talvez tenha buscado incorporar-se ao mundo, enquanto internamente, buscava uma saída mais satisfatória para integrar-se a si mesma. Enquanto não conseguia, garantiu um pouco mais de tempo a si e aos outros. Cuidava dos outros enquanto buscava-se.

Conforme Lima (2004), as mulheres perduram acreditando que o cuidado seja o mais importante, apesar de não estarem isentas de crises que deflagrem suas necessidades e as coloquem em risco. Talvez Clarissa, ao promover

festas e cuidar de outros, pudesse estar tentando “arrumar” as coisas para que ninguém, de fato, fosse magoado e com isto tenha garantido sua sobrevivência. Assim, ainda em meio aos conflitos, aparenta ter feito seu auto-sacrifício como garantia de sobrevivência.

Para Gilligan (1982), em séculos passados, a mulher vivenciava conflitos entre as expectativas de papéis sociais e a busca por direitos equânimes, momento em que se pensava o auto-sacrifício feminino como virtude. De modo que, tais processos poderiam interferir no desenvolvimento moral das mulheres. Não por serem inferiores ou imaturas, mas, por precisarem lutar contra um sistema de forças sociais para garantir condições plenas de desenvolvimento. Será que podemos dizer que hoje seria diferente?

Considerações finais

Mrs. Dalloway viveu e reviveu conflitos durante um dia. Essa personagem, criada por Virginia Woolf, demonstra como foi difícil ser mulher na época da tradição Vitoriana, em que a mulher não tinha liberdade para tomar decisões. Clarissa Dalloway, embora questionasse suas escolhas, adequou-se aos padrões de uma sociedade que vivia de aparências, no início da década de 1920 e dessa maneira, assumiu o auto-sacrifício como virtude.

Ser Mrs. Dalloway, esposa de um congressista, dona das festas, mãe de Elizabeth, não a possibilitou ouvir a voz que teria se fosse apenas Clarissa. Ela sofria em silêncio e com uma série de lembranças e emoções, pensava em desistir de viver aquela vida, a qual, de alguma forma não pertencia. Todavia, ela não se entrega ao sentimento que a corrompe, voltando à sua realidade, talvez, mostrando a força de uma mulher para encarar e ressignificar aquela sociedade.

A luta em favor do direito de fala feminino continua. A autora de *Mrs. Dalloway* participou dessa luta, numa época em que a mulher não ocupava os espaços de poder. Através da escrita, Virginia Woolf comprovou que a voz de uma mulher tem força e poder. *Mrs. Dalloway*, apesar de ter sido escrita há tanto tempo, continua representando e instrumentalizando a luta, atual, da mulher pela garantia do seu lugar de fala, pensado na perspectiva de Ribeiro (2017).

Considera-se, portanto, que durante a narrativa foi possível acompanhar elementos concernentes ao desenvolvimento moral de Clarissa Dalloway. No que tange à concepção de Gilligan (1982), que salienta o desenvolvimento moral feminino, nota-se que Clarissa Dalloway, no desfecho da narrativa, confronta sua existência, decide voltar a sua festa, optando pela vida, apesar da realidade da mulher naquela época, talvez como forma de resistência ou até garantindo-se tempo para que sua voz pudesse ecoar pelas ruas de Londres.

Referências

CAVALCANTI, V.R.S *Mulheres Em Ação: Revoluções, Protagonismo e Práxis dos Séculos XIX e XX*. Proj. História, 30. ed. p. 243-264, São Paulo, 2005.

GELINSKI, Rosana de Fátima. *Mrs. Dalloway no Cinema: O fluxo de consciência*. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/904> Acesso em: 19 de março de 2017.

GILLIGAN, Carol. *Uma Voz Diferente*. RJ: Rosa dos Tempos, 1982.

LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. *De Piaget a Gilligan: Retrospectiva do Desenvolvimento Moral em Psicologia um Caminho para o Estudo das Virtudes*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n3/v24n3a03.pdf> Acesso em: 13 de dez, 2017.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. (Tradução Marcelo Cipolla). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARDER, Herbert. *Virginia Woolf: A medida da vida*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MUNIZ, L. L. *Virginia Woolf e o pensamento feminista*. In: XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. 2006, São Paulo. Anais. São Paulo, AN-PUH/ UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. *A Representação Feminina na Obra de Virginia Woolf: Um diálogo Entre o Projeto Político e o Estético*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

OLIVEIRA, Maria Hilda Xavier Gouveia de. *Mrs. Dalloway: uma unidade estrutural*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

PINHO, Davi. *Imagens do Feminino na Obra e Vida de Virginia Woolf*. Curitiba: Appris, 2015.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: HOLLANDA, He-loisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

TEIXEIRA, Cintia Maria; MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Gênero e diversidade: formação de educadoras/es*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Recebido: 22/09/2021

Aprovado: 08/09/2022